

José Saramago & Fernando Pessoa: o Modernismo Português em prosa e verso

Pesquisa realizada pelos alunos do professor Moisés Neto

José Saramago

Saramago nasceu em Portugal, em 1922. Fez estudos secundários com muitas dificuldades. Seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois, diversas outras profissões: desenhista, funcionário de saúde e de previdência social, editor, tradutor, jornalista. Publicou o seu primeiro livro, um romance, em 1947. Em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*. A partir de 1976 passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Foi laureado com o Prêmio Nobel da Literatura 1998. Ele gosta de escrever por parábolas e seus textos são um misto de amor e ironia. Atingiu a celebridade aos 60 anos. Vive hoje (2007) nas ilhas Canárias.

"Manual de Pintura e Caligrafia" é um romance publicado em 1977. O livro parece uma autobiografia mas, na sua intensidade, encerra também o tema do amor, assuntos de natureza ética, impressões de viagens e reflexões sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade. A libertação alcançada com a queda do regime salazarista transforma-se numa imagem final que nos fala de abertura.

"Memorial do Convento", de 1982, é o romance que o vai tornar célebre. É um texto multifacetado e plurissignificativo que tem, ao mesmo tempo, uma perspectiva histórica, social e individual, permeada de riqueza de imaginação.

"O Ano da Morte de Ricardo Reis", publicado em 1984: A ação passa-se em Lisboa no ano de 1936, em plena ditadura, mas possui um ambiente de *irrealidade* superiormente evocado. Este ambiente de *irrealidade* é acentuado pelas repetidas visitas do falecido poeta Fernando Pessoa a casa da personagem principal (que é extraída da produção pessoana) e das suas conversas sobre a existência do homem. Juntos deixam o Mundo após o seu último encontro. É Fernando Pessoa encontrando-se com um dos seus heterônimos.

Em "**A Jangada de Pedra**" (1986), o escritor recorre a um estratagema típico. Uma série de acontecimentos sobrenaturais culmina na separação da Península Ibérica que começa a vagar no Atlântico, inicialmente em direção aos Açores. A situação criada por Saramago dá-lhe muitas oportunidades para, no seu estilo muito pessoal - ele tem uma noção muito particular sobre parágrafos, vírgulas, pontos e como escrever diálogos) - fazer comentários sobre as coisas da vida, ironizar sobre as autoridades, os políticos e, talvez muito especialmente, com os atores dos jogos de poder na alta política. O texto de Saramago está ao serviço da literatura engajada.

"História do Cerco de Lisboa", de 1989, é um romance sobre um romance. A história nasce da obstinação de um revisor ao acrescentar um *não*, um estratagema que dá ao acontecimento histórico um percurso diferente e, ao mesmo tempo, oferece ao autor um campo livre à sua grande imaginação e alegria narrativa, sem o impedir de ir ao fundo das questões.

"O Evangelho segundo Jesus Cristo", de 1991, romance sobre a vida de Jesus encerra, na sua franqueza, reflexões merecedoras de atenção sobre grandes questões. Deus e o Diabo negociam sobre o Mal. Jesus contesta o seu papel e desafia Deus.

"Ensaio sobre a Cegueira": publicado em 1995 e leva-nos numa horrenda viagem através das percepções do ser humano através das camadas espirituais da civilização. A riqueza efabulatória, excentricidades e agudeza de espírito encontram a sua expressão máxima, de uma forma absurda. "Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêm, cegos que, vendo, não vêm.". Começa com um homem ficando cego e depois todos da cidade ficam cegos. Poderia ser uma metáfora da própria condição humana. Os personagens não tem nomes.

"Todos os Nomes" é uma história de dimensões quase metafísicas sobre um pequeno funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais. Ele fica obcecado por um dos nomes do registro e segue a sua pista até ao seu trágico final.

As Intermittências da Morte (2005) tem três partes. A primeira é uma visão dos fatos a partir do dia 1º de janeiro, quando ninguém mais morreu naquele lugar. Na ausência da morte surgem conflitos, discussões e soluções para o problema dos que não morrem nem podem voltar a viver, os moribundos. No sétimo capítulo há uma carta mandada pela morte a uma emissora de televisão, para que seja levada a público a notícia de seu retorno.

Contudo, o retorno vem com novas regras: *“a partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios (...) ofereci uma pequena amostra do que para eles seria viver para sempre (...) a partir de agora toda a gente passará a ser prevenida por igual e terá um prazo de uma semana para pôr em dia o que ainda lhe resta na vida”*. Para cada um que tivesse que morrer, um prazo de sete dias seria precedido pelo recebimento de uma carta escrita pela morte, anunciando uma *“rescisão deste contrato temporário a que chamamos vida”*.

No décimo capítulo, uma dessas cartas - que deveria ser recebida por um violoncelista - é devolvida à remetente, tal como o pode ocorrer em autênticas correspondências postais. Essa parte é o ponto-chave do livro. Leia alguns trechos: *“De Deus e da morte não se tem contado senão histórias, e esta é mais uma delas.”* *“Os amantes da concisão, do modo lacônico, da economia de linguagem, decerto se estarão perguntando porque, sendo a idéia assim tão simples, foi preciso todo este arrazoado para chegarmos enfim ao ponto crítico. A resposta também é simples, e vamos dá-la utilizando um termo atual, moderníssimo, com o qual gostaríamos de ver compensados os arcaísmos com que, na provável opinião de alguns, hemos salpicando de mofo este relato, Por mor do background.”* *“É possível que só uma educação esmerada, daquelas que já se vêm tornando raras, a par, talvez, do respeito mais ou menos supersticioso que nas almas timoratas a palavra escrita costuma infundir, tenha levado os leitores, embora motivos não lhes faltassem para manifestar explícitos sinais de mal contida impaciência, a não interromperem o que tão profusamente viemos relatando e a quererem que se lhes diga o que é que anunciou o seu regresso.”* *“Não entendo nada, falar consigo é o mesmo que ter caído num labirinto sem portas, Ora aí está uma excelente definição da vida, Você não é a vida, Sou muito menos complicada que ela.”*

O conto da ilha desconhecida

(trecho da obra de José Saramago)

“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas

começavam a murmurar, *Que rei temos nós, que não atende*), é que dava ordem ao primeiro-secretário para ir saber o que queria o impetrante, que não havia maneira de se calar. Então, o primeiro-secretário chamava o segundo-secretário, este chamava o terceiro, que mandava o primeiro-ajudante, que por sua vez mandava o segundo, e assim por aí fora até chegar à mulher da limpeza, a qual, não tendo ninguém em quem mandar, entreabria a porta das petições e perguntava pela frincha, *Que é que tu queres*. O suplicante dizia ao que vinha, isto é, pedia o que tinha a pedir, depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho ao contrário, até chegar ao rei. Ocupado como sempre estava com os obséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno sinal de atenção ao bem-estar e felicidade do seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado se ria dizer, passava a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez à mulher da limpeza, que despachava sim ou não conforme estivesse de maré.

Contudo, no caso do homem que queria um barco, as coisas não se passaram bem assim. Quando a mulher da limpeza lhe perguntou pela nesga da porta, *Que é que tu queres*, o homem, em lugar de pedir, como era o costume de todos, um título, uma condecoração, ou simplesmente dinheiro, respondeu, *Quero falar ao rei*, Já sabes que o rei não pode vir, está na porta dos obséquios, respondeu a mulher, Pois então vai lá dizer-lhe que não saio daqui até que ele venha, pessoalmente, saber o que quero, rematou o homem, e deitou-se ao comprido no limiar, tapando-se com a manta por causa do frio. Entrar e sair, só por cima dele. Ora, isto era um enorme problema, se tivermos em consideração que, de acordo com a pragmática das portas, ali só se podia atender um suplicante de cada vez, donde resultava que, enquanto houvesse alguém à espera de resposta, nenhuma outra pessoa se poderia aproximar a fim de expor as suas necessidades ou as suas ambições. À primeira vista, quem ficava a ganhar com este artigo do regulamento era o rei, dado que, sendo menos numerosa a gente que o vinha incomodar com lamúrias, mais tempo ele passava a ter, e mais descanso, para receber, contemplar e guardar os obséquios. À segunda vista, porém, o rei perdia, e muito, porque os protestos públicos, ao notar-se que a resposta estava a tardar mais do que o justo, faziam aumentar gravemente o descontentamento social, o que, por seu turno, ia ter imediatas e negativas conseqüências no afluxo de obséquios. No caso que estamos narrando, o resultado da ponderação entre os benefícios e os prejuízos foi ter ido o rei, ao cabo de três dias, e em real pessoa, à porta das petições, para saber o que queria o intrometido que se havia negado a encaminhar o requerimento pelas competentes vias burocráticas. Abre a porta, disse o rei à mulher da limpeza, e ela perguntou, *Toda, ou só um bocadinho*. O rei duvidou por um instante, na verdade

não gostava muito de se expor aos ares da rua, mas depois reflexionou que pareceria mal, além de ser indigno da sua majestade, falar com um súdito através de uma nesga, como se tivesse medo dele, mormente estando a assistir ao colóquio a mulher da limpeza, que logo iria dizer por aí sabe Deus o quê, De par em par, ordenou. O homem que queria um barco levantou-se do degrau da porta quando começou a ouvir correr os ferrolhos, enrolou a manta e pôs-se à espera. Estes sinais de que finalmente alguém vinha atender, e que portanto a praça não tardaria a ficar desocupada, fizeram aproximar-se da porta uns quantos aspirantes à liberalidade do trono que por ali andavam, prontos a assaltar o lugar mal ele vagasse. O inopinado aparecimento do rei (nunca uma tal coisa havia sucedido desde que ele andava de coroa na cabeça) causou uma surpresa desmedida, não só aos ditos candidatos mas também à vizinhança que, atraída pelo repentino alvoroço, assomara às janelas das casas, no outro lado da rua. A única pessoa que não se surpreendeu por aí além foi o homem que tinha vindo pedir um barco. Calculara ele, e acertara na previsão, que o rei, mesmo que demorasse três dias, haveria de sentir-se curioso de ver a cara de quem, sem mais nem menos, com notável atrevimento, o mandara chamar. Repartido pois entre a curiosidade que não pudera reprimir e o desagrado de ver tanta gente junta, o rei, com o pior dos modos, perguntou três perguntas seguidas, Que é que queres, Por que foi que não disseste logo o que querias, Pensarás tu que eu não tenho mais nada que fazer, mas o homem só respondeu à primeira pergunta, Dá-me um barco, disse. O assombro deixou o rei a tal ponto desconcertado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava de trabalhar de linha e agulha(...)”

ANÁLISE DE *O conto da ilha desconhecida*: Livro com 62 páginas, das quais 16 são aquarelas de Arthur Luiz Piza. O texto é apresentado em partes, não respeitando paragrafação e pontuação, obrigando o leitor a se manter preso às mãos do narrador e a seguir com ele, navegando para dentro de si mesmo, questionando as suas próprias vergonhas. Saramago conta a história de um homem que bate à porta do rei para pedir-lhe um barco a fim de navegar em busca da ilha desconhecida. O rei fazia-se de desentendido e somente ordenava a abertura da porta quando a insistência se tornava mais do que notória e perceptível à vizinhança que poderia considerá-lo um mau rei. O protagonista dessa história não desistirá facilmente e, quando a mulher da limpeza, pela nesga da porta, perguntou-lhe o que queria, ele exige - ao contrário dos outros suplicantes - ser atendido pessoalmente pelo rei. Como só era possível atender um suplicante de cada vez, novamente o rei, preocupado com sua reputação, atende-o, porém após três dias de paciente espera do homem. O “intrometido” se havia negado a encaminhar o requerimento pelas “competentes” vias

burocráticas: mulher da limpeza, primeiro e segundo ajudantes, primeiro, segundo e terceiro secretários e o rei, sendo que a mulher da limpeza era encarregada de atender à porta, emitir o requerimento, que seguia todo o caminho contrário e retornava a ela mesma que o despachava: sim ou não, conforme seu estado, além de lhe caber limpar e costurar(...) Nunca o aparecimento do rei havia sucedido, fato que causou surpresa, não só aos novos candidatos à porta, mas também, novamente, à vizinhança. Assim, essa pequena grande história, brincando com os sentidos das palavras envoltas num misto de fantasia e realidade, convida-nos a partir em busca de nossa própria ilha desconhecida, talvez escondida dentro de nós mesmos.

“...mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver”. (p.40)

“Se não saís de ti, não chegas a saber quem és”. (p.40)

“Como as pessoas se enganam nos sentidos do olhar, sobretudo ao princípio”. (p.49)

Nesse nosso mundo materialista e individualista no qual o ter se sobrepõe ao ser, vivendo na incerteza, causada pelo medo de enfrentar o novo e desconhecido, cada vez mais desconhecido; nos chocando cada vez menos com as barbáries do mundo; cegos, pelas nossas próprias “portas”.

Obras Publicadas de José Saramago:

Todos os Nomes
Terra do Pecado
Viagem a Portugal
Os Apontamentos
Objeto Quase
O Evangelho Segundo Jesus Cristo
O Ano da Morte de Ricardo Reis
Memorial do Convento
Manual de Pintura e Caligrafia
Levantado do Chão
História do Cerco de Lisboa
Ensaio sobre a Cegueira

Deste Mundo e de Outro
A Jangada de Pedra
A Bagagem do Viajante
O Conto da Ilha Desconhecida

Poesia

Provavelmente Alegria
Os Poemas Possíveis
O Ano de 1993

Teatro

Que Farei com Este Livro
In Nomine Dei
A Segunda Vida de Francisco de Assis
A Noite

Fernando Pessoa

Um dos maiores poetas de língua portuguesa, comparado a Camões: Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1888 e ali faleceu em 1935. Viveu a maior parte de sua juventude na África do Sul, deixando-se influenciar pela língua inglesa (traduzindo, escrevendo, trabalhando e estudando no idioma). Trabalhou em jornalismo, em publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, criando vários outros *EUS*, conhecidos como seus *heterônimos*. A figura misteriosa em que se transformou incita grande parte dos estudos sobre sua vida e obra - é considerado o maior autor da heteronímia. Morre aos 47 anos. Sua última frase foi escrita em inglês: "*I know not what tomorrow will bring...*" Entre pseudônimos, heterônimos e semi-heterônimos contam-se 72 nomes.



Pessoa por Almada Negreiros

Ortônimo: Sua obra ortônima (assinando Fernando Pessoa) tem diferentes etapas, temos aí um certo patriotismo perdido (sebastianismo reinventado) e influenciado por doutrinas religiosas como a teosofia e sociedades secretas como a Maçonaria. Tem poesia de certo ar *mítico*, heróico (quase épico, mas não na acepção original do termo), e por vezes trágico. Vê o mundo de uma forma múltipla, o que explica ter criado os célebres heterônimos - Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, sem contarmos ainda com o semi-heterônimo Bernardo Soares. A principal obra de "Pessoa ele-mesmo" é *Mensagem*, coletânea de poemas sobre os grandes personagens históricos portugueses, publicada enquanto estava vivo. Vemos em sua extensa obra a influência do Simbolismo e das Vanguardas Europeias.

Heterônimos

Álvaro de Campos: foi o único a manifestar fases poéticas diferentes. Era um engenheiro de educação inglesa e origem portuguesa, mas sempre com a sensação de ser um *estrangeiro* em qualquer parte do mundo. Começa sua trajetória como simbolista mas logo adere ao Futurismo. Com as desilusões da existência, assume uma veia niilista, expressa naquele que é considerado um dos poemas mais conhecidos e influentes da língua portuguesa, *Tabacaria*.

Ricardo Reis: um médico que se definia como latinista e monárquico. De certa maneira, simboliza a herança clássica na literatura ocidental, expressa na simetria, harmonia, um certo bucolismo, com elementos filosóficos. O fim de todos os seres vivos é tratado de forma clássica, depurada e disciplinada. Mudou-se para o Brasil em protesto à proclamação da República em Portugal e não se sabe o ano de sua morte. **Ricardo** revela-se na ode *Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia*, dois jogadores de xadrez prosseguem a partida mesmo sabendo que a destruição e a morte campeiam na sua cidade que o inimigo invadiu. E sentencia: “Quando o rei de marfim está em perigo / Que importa a carne e o osso / Das irmãs e das mães e das crianças? / Quando a torre não cobre / A retirada da rainha branca, / O sangue pouco importa”.

Alberto Caeiro: nasceu em Lisboa mas viveu como camponês, quase sem estudos formais, teve apenas a instrução primária, mas é considerado o mestre entre os heterônimos (pelo ortônimo, inclusive). Com a morte dos pais, ficou na casa com uma tia-avó, com pouco dinheiro e morreu de tuberculose. Também é conhecido como o poeta-filósofo mas, rejeitando este título, pregava uma “não-filosofia”. Acreditava que os seres simplesmente *são* e nada mais: irritava-se com a metafísica e qualquer tipo de simbologia para a vida. Dos principais heterônimos de Fernando Pessoa, Caeiro foi o único a não escrever em prosa. Alegava que somente a poesia seria capaz de dar conta da realidade. Possuía uma linguagem direta, concreta e simples mas, ainda assim, bastante complexa do ponto de vista reflexivo: *Há metafísica bastante em não pensar em nada*.

Álvaro de Campos é amoral, imoral. Nos seus poemas, vemos: a idéia da perda da inocência de uma criança de oito anos (*Ode II, ad finem*) [*Ode Triunfal*] e se satisfaz das sensações muito fortes – a crueldade e a luxúria, por exemplo. Esta postura percorre seus poemas futuristas. Há semelhante teor presente nos poemas de Alberto Caeiro e Ricardo Reis. Caeiro, no poema *Ontem o pregador de verdades dele*: “Haver injustiça é como haver morte / Eu nunca daria um passo para alterar / Aquilo a que chamam a injustiça do mundo”. Este aspecto é um daqueles em que é mais notória a influência, ou, pelo menos, a proximidade, da estética futurista de Marinetti (que, contudo, Pessoa sempre recusou). Detectamos aí falta de solidariedade social e mesmo humana comum na obra do poeta. Autor de direita? É absurdo tentar classificar um poeta como Pessoa de acordo com critérios políticos.

Pessoa estava mais interessado em uma arte maior, onde questões políticas, sociais ou mesmo morais não importavam. Apresentam também exemplos que desencorajam conclusões simplistas. Contudo, no final da sua vida, Pessoa foi autor de textos (e mesmo de poemas) que transpareciam um profundo mal-estar em relação a Salazar e à recém estabelecida ditadura do Estado Novo. Há também poemas do Pessoa ortônimo imbuídos da tal solidariedade – e mesmo moralismo – que a hortonomia parece tendencialmente negar, como "O menino de sua mãe" ou "Tomamos a vila depois de um intenso bombardeamento".

Trabalhou como *free lancer*. Assim, podia trabalhar dois dias por semana, deixando os demais apenas para dedicar-se à sua grande paixão: a literatura. A poetisa brasileira Cecília Meireles foi a Portugal, para proferir conferências na Universidade de Coimbra e Universidade de Lisboa, em 1934. Um grande desejo seu era conhecer o poeta de quem se tinha tornado admiradora. Através de um dos escritórios para o qual trabalhava o poeta, conseguiu comunicar-se com ele e marcar um encontro. Esse encontro ficou fixado para o meio-dia, mas ela esperou inutilmente até as duas da tarde, sem que Fernando Pessoa desse o ar de sua presença. Cansada de esperar, Cecília voltou ao hotel e teve a surpresa de encontrar um exemplar do livro *Mensagem* e um recado do misterioso poeta, justificando que não comparecera porque consultara os astros e, segundo seu horóscopo, "os dois não eram para se encontrar". Realmente, não se encontraram, nem houve mais muita oportunidade para isso, já que no ano seguinte Fernando Pessoa faleceu.

Leia um pouco de Pessoa:

Onde você vê um obstáculo,
alguém vê o término da viagem
e o outro vê uma chance de crescer.

Onde você vê um motivo pra se irritar,
Alguém vê a tragédia total
E o outro vê uma prova para sua paciência.

Onde você vê a morte,
Alguém vê o fim
E o outro vê o começo de uma nova etapa...
Onde você vê a fortuna,
Alguém vê a riqueza material
E o outro pode encontrar por trás de tudo, a dor e a miséria total.

Onde você vê a teimosia,
Alguém vê a ignorância,
Um outro compreende as limitações do companheiro,
percebendo que cada qual caminha em seu próprio passo.

E que é inútil querer apressar o passo do outro,
a não ser que ele deseje isso.
Cada qual vê o que quer, pode ou consegue enxergar.

"Porque eu sou do tamanho do que vejo.
E não do tamanho da minha altura."

Fresta (Fernando Pessoa)

Em meus momentos escuros
Em que em mim não há ninguém,
E tudo é névoas e muros
Quanto a vida dá ou tem,
Se, um instante, erguendo a fronte
De onde em mim sou aterrado,
Vejo o longínquo horizonte
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,
E, ainda que seja ilusão
O exterior em que me esqueço,
Nada mais quero nem peço.
Entrego-lhe o coração.

Não Sei Quantas Almas Tenho (Fernando Pessoa)

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem acabei.
De tanto ser, só tenho alma.
Quem tem alma não atem calma.

Quem vê é só o que vê,
Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu.
Sou minha própria paisagem;
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que sogue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
Releio e digo: "Fui eu?"
Deus sabe, porque o escreveu.

Vaga, no azul amplo solta, vai uma nuvem errando... (Fernando Pessoa)

Vaga, no azul amplo solta,
Vai uma nuvem errando.
O meu passado não volta.
Não é o que estou chorando.
O que choro é diferente.
Entra mais na alma da alma.
Mas como, no céu sem gente,
A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza
E a lembrança é que entristece,
Dou à saudade a riqueza
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora
Na minha amarga ansiedade
Mais alto que a nuvem mora,
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto
À alma que o saiba bem.
Visto da dor com que minto
Dor que a minha alma tem.

Cai Chuva do Céu Cinzento (Fernando Pessoa)

Cai chuva do céu cinzento
Que não tem razão de ser.
Até o meu pensamento
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza
Acrescentada à que sinto.
Quero dizer-ma mas pesa
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente
Não sei se estou triste ou não.
E a chuva cai levemente
(Porque Verlaine consente)
Dentro do meu coração

O Amor, Quando Se Revela (Fernando Pessoa)

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há-de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Frases de Pessoa:

1 - Navegar é preciso, viver não é preciso

2 - *Mar Portuguez*: Claro que o vocábulo português não é escrito com guez. Já foi. Nem sei dizer quando mudou, tantas as mudanças ortográficas da língua. A expressão faz parte do poema *Mensagem*, que canta a "possessio maris". Todas as reedições das obras de Fernando Pessoa mantêm determinadas expressões de *Mensagem* à antiga, como esta, o *Mar Portuguez*, assim mesmo, de antigamente, Occidente e Oriente.

3 - Rio da minha aldeia: "O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia" Alberto Caeiro

4 - "Todas as cartas de amor são rídiculas"

5 - "Tudo vale a pena se a alma não é pequena": também é de *Mensagem*, *Mar Portuguez*, vejam:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Em duas estrofes, três pérolas: o mar salgado; o tudo vale a pena, o Bojador. Ler Pessoa? Devia ser prazer obrigatório.

6 - "Cadáver adiado que procria": igualmente, é de *Mensagem*

7 - "O poeta é um fingidor"

8 - "Minha pátria é a língua portuguesa": Bernardo Soares

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar.

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie - nem sequer mental ou de sonho - transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand,

fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintáctica, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

Como todos os grandes apaixonados, gosto da delícia da perda de mim, em que o gozo da entrega se sofre inteiramente. E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas. São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem, tornando-se sempre outras, sucedendo a si mesmas. Assim as ideias, as imagens, trémulas de expressão, passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas, onde um luar de ideia bruxuleia, malhado e confuso.

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. «Fabricou Salomão um palácio...» E fui lendo, até ao fim, trémulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais - tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, relembrando, ainda choro. Não é - não - a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfónica.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. **Minha pátria é a língua portuguesa.** Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiu.

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

in Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.I. Fernando Pessoa.

9 - Pensar é estar doente dos olhos
in O meu olhar, Alberto Caeiro,

TABACARIA

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
(...)

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.
Fui até ao campo com grandes propósitos.
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
(...)

Não, não creio em mim.
(...)

O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
(...)

Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, em rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(...)
Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
E que é rabo para aquém do lagarto remexidamente

Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como
tabuletas,

Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Álvaro de Campos, 15-1-1928